

POSIÇÃO DE VANGUARDA DA IGREJA CATÓLICA NO NORDESTE E OS 50 ANOS DO CONCÍLIO VATICANO II

Fábio Vieira de Souza*

RESUMO:

Este artigo visa apresentar um quadro expositivo no qual será destacada a posição de vanguarda da Igreja Católica do Nordeste no que diz respeito à nova postura que deveria ser imprimida pela Igreja face aos problemas de cada contexto social e que somente, anos mais tarde, com o Concílio Vaticano II, tornou-se norma orientadora para toda Igreja Católica. Desse modo, é destacado o pioneirismo de alguns bispos dessa região que se mostraram mais abertos e sensíveis às necessidades de sua realidade social, ampliando sua prática para além da dimensão estritamente religiosa.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja católica. Concílio Vaticano II. Vanguarda da Igreja do Nordeste.

ABSTRACT:

This article intends to present a descriptive panel in which it is accentuated the vanguardist position of northeastern Brazilian Catholic Church regarding the new posture that should be put into practice by the Church in the face of the problems concerning each social context, that would turn into principle for the whole Catholic Church only years later, during the Second Vatican Council. Therefore, it stands out the pioneering position held by some bishops in this region, which proved themselves open and sensitive to the needs of their social reality, amplifying the practice beyond the strictly religious dimension.

KEYWORDS: Catholic Church. Second Vatican Council. Northeastern Church's vanguard.

O ano de 2012 será marcado pela comemoração dos 50 anos do início do Concílio Vaticano II. Realizado em Roma, de 1962 a 1965, com a presença de mais de 2000 bispos de todo mundo, convocados pelo papa João XXIII, este foi um momento privilegiado de discussão acerca de temas de grande relevância para a Igreja Católica. Nas palavras de Comblin – teólogo belga que residiu no estado da Paraíba e recentemente falecido – “este foi o maior acontecimento para a Igreja no século XX” (COMBLIN, 1985, p. 2). O Concílio Vaticano II, na verdade, buscou promover um processo de *aggiornamento*, ou seja, uma atualização renovadora capaz de dar à Igreja uma nova configuração que respondesse melhor aos anseios e esperanças dos homens e mulheres de seu tempo. Este acontecimento refletia o

* Mestrando na PUC-SP

clima de mudança que se colocava em andamento na sociedade da época e trazia em si tamanha expectativa, que ao se referir ao anúncio da abertura do Concílio Vaticano II, o Cardeal Montini, futuro papa Paulo VI, destacou:

Esse concílio será o maior que a Igreja já celebrou nos seus vinte séculos de história, em razão de sua confluência espiritual e numérica, na unidade completa e pacífica da sua hierarquia; será o maior em razão da catolicidade de suas dimensões, verdadeiramente interessante a todo o mundo geográfico e civil (MONTINI apud BEOZZO, 2005, p. 72).

Ao convocar o Concílio, o papa João XXIII tinha em mente três objetivos fundamentais: a participação da Igreja na busca de uma humanidade melhor, a apresentação da mensagem cristã de forma que aparecesse diante do mundo o esplendor do evangelho e a atualização das estruturas eclesiais. Isto indicava a possibilidade de novos rumos para a Igreja, o que causou certa surpresa por se tratar de um papa recém eleito e de idade já avançada.

Segundo o historiador Beozzo (2003), em um acontecimento eclesial da grandeza de um concílio como aquele, três aspectos devem ser levados em consideração: o evento em si, os documentos nele aprovados e a sua recepção. E para ele, este último tem importância singular, pois revela quais dimensões foram capazes de passar para o cotidiano da Igreja e que outras não foram assimiladas. Apesar disso, não destacaremos, aqui, as conclusões conciliares ou mesmo a sua repercussão na Igreja, mas sim a verificação da presença antecipada do espírito desse evento em parte do episcopado do Nordeste brasileiro.

Na véspera do cinquentenário da abertura do Concílio Vaticano II, quando, certamente, ainda se discutirá, e muito, os impactos deste evento sobre o Igreja, vale destacar a posição de vanguarda da Igreja Católica no Nordeste, que se mostrou preocupada com questões, até então, quase não discutidas em ambiente religioso. Mesmo antes da realização do Concílio (1962-1965), um sopro renovador já pairava sobre esta região. Alguns bispos do Nordeste foram pioneiros em nosso país e se mostraram mais abertos e sensíveis a sua realidade social, ampliando sua prática para além da dimensão estritamente religiosa. Isto nos deixa entrever que, enquanto realidade histórica, a Igreja é sempre afetada na sua autocompreensão e nas suas práticas pelos determinantes do próprio contexto cultural em que está inserida.

O percurso histórico que indica uma mudança nos modos de atuação da Igreja no Nordeste remonta ao final da década de 40, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, período em que o Estado passa a intervir frente aos desequilíbrios regionais, tanto no campo econômico como no campo social. Iniciativas como o Plano de Valorização da Amazônia e para o Nordeste, o Plano Geral para o Aproveitamento Econômico do Vale do São Francisco demonstram este novo modelo de intervenção do Estado brasileiro. E esta política focada em ações localizadas que respondem a determinadas questões sociais passa a influenciar a ação da Igreja nestas regiões. Nesse sentido, Dom Helder Câmara argumenta:

Quando o Governo lança planos regionais de grande envergadura, seria uma tristeza que a Igreja não estivesse em condições de congregar esforços, aparecer unida à altura dos acontecimentos (CÂMARA apud FREITAS, 1997, P.43).

Além da influência direta deste novo modelo desenvolvimentista do governo federal, uma outra iniciativa que imprimiu um novo ritmo à Igreja do Nordeste foi o Chamado Movimento de Natal. Em 1944, foi realizada, pela Igreja Católica de Natal, a Primeira Semana de Estudos do Rio Grande do Norte, que se ocupou, prioritariamente, da formação de pessoal habilitado para as tarefas de planejamento e execução de ações que incidissem sobre a realidade social. Aqui temos o que poderíamos chamar de os inícios do Movimento de Natal. Segundo Barros (1967), este Movimento pode ser considerado a iniciativa eclesial de maior amplitude e impacto social, pelos seus desdobramentos e por sua repercussão. Freitas o define “como o conjunto de atividades sociorreligiosas empreendidas por aquela Diocese norte-riograndense, de maneira articulada e planejada, visando responder à difícil problemática da cidade de Natal e seus entornos a partir do final da década de quarenta” (FREITAS, 1997, p. 50). Destaca-se desse período:

a experiência de D. José Delgado, em Caicó, por meio da Ação Católica Rural e do movimento cooperativista entre os pequenos proprietários rurais do Seridó, como sendo, talvez, o primeiro marco cronológico de uma pastoral voltada para a transformação das condições de vida do homem do campo (BARROS apud FREITAS, 1997, P.47).

Freitas acrescenta, ainda, que “em 1949, nasce, deste Movimento da Diocese de Natal, o SAR (Serviço de Assistência Rural), organismo cujo objetivo era o de articular as diferentes atividades sociais do Movimento de Natal” (FREITAS, 1997, p.53). Queiroga (1977) afirma que foi praticamente na capital do Rio Grande do Norte que começou o movimento de sindicalização rural incentivado pela Igreja, que em sua fase áurea chegou a ter 50.000 sindicalizados no Estado e de lá espalhando-se para todo país.

Queiroga relata também que, em 1952, de posse dos estudos técnicos do governo, reuniram-se em Aracaju, os bispos das dioceses do Vale do São Francisco, situadas no raio de ação da Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso. Isto mostra uma atuação diferenciada do episcopado do Nordeste que, em virtude de uma realidade específica, desempenha um trabalho que ultrapassa a esfera do estritamente religioso, para abordar problemas sociais emergentes. Algo semelhante realizaram os bispos da região amazônica, neste mesmo ano, quando, por ocasião do congresso eucarístico diocesano de Manaus, trouxeram à tona discussões que tocavam diretamente a realidade social do norte do país.

Em maio de 1956, no Encontro dos bispos do Nordeste em Campina Grande, na Paraíba, a hierarquia católica foi enfática “ninguém poderá dizer que seja estranho a uma reunião de bispos o debate dos problemas sociais, não só na equação doutrinária, mas ainda numa ação direta e imediata” (Revista Eclesiástica Brasileira, 1956, p.503). Nesta mesma esteira, Freitas (1997) destaca a posição do então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, que declarava publicamente a influência decisiva do episcopado do Nordeste em todas as iniciativas governamentais, visando o desenvolvimento econômico da região.

Em 1958, conhecido como o ano da grande seca do Nordeste, a posição da Igreja Católica foi ainda mais incisiva, e o Movimento de Natal se projeta nacionalmente ao denunciar de forma veemente a chamada indústria da seca e seus mecanismos de sustentação. Aqui, fica claro que estas novas ações com um certo conteúdo questionador das práticas eclesiais na sua relação com seu contexto social imprimem uma nova dinâmica à Igreja.

Tais pontos evidenciam o crescente interesse do episcopado nordestino pelas questões sociais. Dom Helder Câmara afirmava: “fui o idealizador e principal promotor dos famosos encontros de bispos da Amazônia e do Nordeste: [...] estudo

dos grandes problemas regionais. Estes encontros estão na raiz da criação de órgãos como a SUDENE” (CÂMARA apud QUEIROGA, 1977, p. 171).

Além desta preocupação direta com o desenvolvimento social, uma outra frente de atuação do Movimento de Natal e que se espalhou por todo Nordeste foi na área de educação com as escolas radiofônicas de Natal que buscavam ser “centros de educação de base, veículos de conscientização” (Revista Eclesiástica Brasileira, 1963, p. 782). Estas escolas, em 1958, atingiam 50 municípios e cerca de 24.000 alunos. Em 1961, a CNBB assume esta experiência bem-sucedida do Nordeste e com o nome de Movimento de Educação de Base e em parceria com órgãos federais propagou-as por todo o país.

Considerando o exposto, é possível percebermos claramente que, de fato, o mesmo sopro renovador que impulsionou os teólogos conciliares - em sua maioria europeus - já pairava por terras nordestinas, pois esta foi a região onde primeiro, no Brasil, a Igreja se preocupou com o desenvolvimento local, influenciada, sem dúvida, pelo seu contato direto com o drama da miséria, da fome, da seca e do desamparo. Do Nordeste, saiu também um episcopado mais esclarecido, de uma teologia engajada, consciente dos vários aspectos contemplados por sua missão e da nova postura que deveria ser imprimida na Igreja face aos problemas de cada contexto social. Isto possibilitou à Igreja do Nordeste uma posição de abertura e diálogo com o mundo, mostrando-se sintonizada com a atmosfera renovadora do Concílio. Os bispos do Nordeste expressaram o sentimento conciliar de uma Igreja que necessita compreender, escutar e falar aos homens e mulheres de seu tempo. Podemos afirmar, então, que o Concílio Vaticano II referendou o modelo de atuação da Igreja Católica que já estava vigorando no Nordeste brasileiro, o que realça sua posição de vanguarda, visto que as conclusões do Concílio deram respaldo às ações de antemão já engendradas pelos bispos do Nordeste.

REFERÊNCIAS

BARROS, Raimundo Caramuru. *Brasil: uma Igreja em renovação; a experiência brasileira de planejamento pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1967.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II – 1959-1965*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: EDUCAM, 2005.

_____, *A Igreja no Brasil – O Planejamento pastoral em Questão*. Reb, nº42. Petrópolis: Vozes, 1982.

COMBLIN, José. *Vaticano II: Ontem e Hoje*. Vida Pastoral, nº 125. São Paulo: Paulus, 1985.

FREITAS, Maria Carmelita de. *Uma opção renovadora. A Igreja no Brasil e o Planejamento Pastoral – Estudo Genético-Interpretativo*. São Paulo: Loyola, 1997.

QUEIROGA, Gervásio Fernandes de. *CNBB: comunhão e co-responsabilidade*. São Paulo: Paulus, 1977.

REVISTA ECLESIAÍSTICA BRASILEIRA. *O Movimento de Natal encarna uma solução para o Nordeste brasileiro* [comunicação]. Petrópolis: Vozes, nº 27, 1963.

REVISTA ECLESIAÍSTICA BRASILEIRA. *O Encontro dos Bispos do Nordeste em Campina Grande* [comunicação]. Petrópolis: Vozes, nº 16, 1956.